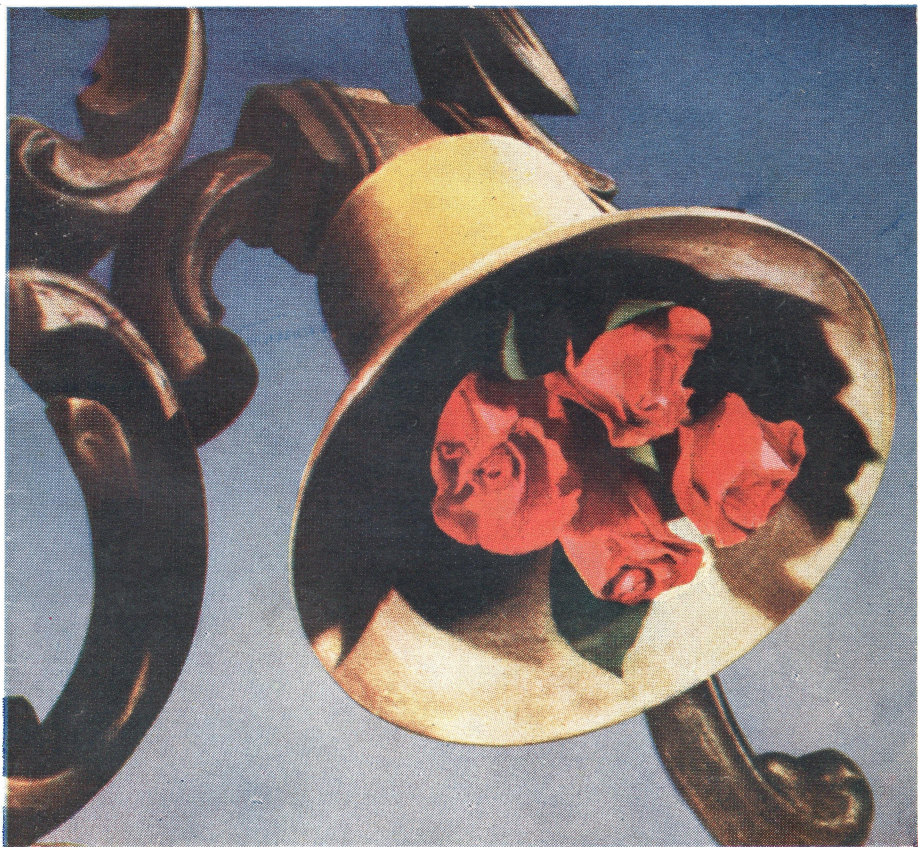


JESUS GONÇALVES

FLORES *de* OUTONO



ROSAS, de que minh'alma já se enflora,
Adornai o meu sino de alegria!
Terminou a tormenta da agonia . . .
Cantai comigo a luz da eterna Aurora

LIVRARIA ALLAN KARDEC EDITORA



Jesus Gonçalves



FLORES
DE
OUTONO

Francisco C. Xavier
COLETANEA DO ALÉM
CARTAS DO
EVANGELHO

★

Romeu Camargo
UM SO' SENHOR

★

Pedro de Camargo
(Vinicius)
NA SEARA DO
MESTRE

★

Dr. Carlos Imbassahy
CORPO E ESPIRITO

★

Cte. Edgard Armond
MEDIUNIDADE

★

Prof. Leopoldo Machado
PARA O ALTO

★

Jesus Gonçalves
FLORES DE
OUTONO

★

Pedro Granja
AFINAL,
QUEM SOMOS?

●

Pedidos à
LIVRARIA
ALLAN KARDEC
EDITORA

R. Riachuelo, 108
SÃO PAULO

Serviço de Reembolso
Postal

Allan Kardec
Editôra

Livros, Jornais e
Revistas Espíritas

Rua Riachuelo, 108
São Paulo - Capital
Tel. 2-1846

Flores de Outono



JESUS GONÇALVES

Flores de Outono

por

Jesus Gonçalves

LIVRARIA ALLAN KARDEC EDITORA
Rua Riachuelo, 108 - sobre-loja — São Paulo

1948

À guisa de prefácio

OS versos enfaixados neste volume são da lavra do Sr. Jesus Gonçalves. Até aí, nada de notório ou digno de menção. O que importa saber e registrar é que Jesus Gonçalves acha-se, de ha muito, recolhido ao Asilo-Côlônia de Pirapitingui, por ser uma das vítimas do mal de Hansen.

Cultor sincero do Espiritismo encontrou nesta doutrina — conforme atesta a transformação nele operada e refletida através de suas rimas — o lenitivo para as angustiosas condições de que se acha entretecida a sua existência atual. Fez mais ainda: dirige, naquele Recolhimento, um templo espírita instalado em sede própria, contando com pequena biblioteca, e onde se realizam, sob sua orientação, reuniões doutrinárias de estudo, em salão decentemente mobiliado, obedecendo os requisitos de higiene requeridos em tais instalações, mantém uma cosinha onde se preparam pratos apetitosos destinados aos doentes sem família e baldos de todo o recurso.

Destarte, a vida terrena de Jesus Gonçalves não transcorre entre lamentações e murmúrios, mas produtiva, útil a si mesmo e aos seus companheiros de provação. Nas horas de lazer, lê, estuda, medita e faz versos, extravasando neles os sentimentos que se evolvem do seu coração de crente e sofredor, portanto, resignado e disposto a suportar, com bom ânimo, até o fim a dolorosa prova que, talvez, tenha sido escolhida e delineada por si mesmo lá do outro plano da vida, atendendo a circunstâncias per-

sonalíssimas cuja razão de ser só se compreende quando a libertação espiritual fecha os olhos da carne para abrir os da alma.

Não pretendemos encarecer o valor literário deste livro. Falta-nos competência para julgá-lo sob êsse prisma. O que, porem, podemos afirmar é que se trata de obra do coração, filha do sentimento que, sobrepujando todo o entendimento, eleva-se além da inteligência de vez que é o traço de união entre o céu e a Terra, entre a criatura e o Criador.

A propósito desta produção de Jesus Gonçalves, ocorre-nos á mente a conhecida e exemplificativa figura da maneira como o sândalo resplande ao impiedoso machado que o fere, desprendendo, a cada golpe, doces e suaves emanações de subtil aroma!

Bendita a Fé que realiza, no homem, êsse mesmo milagre.

23-1-47 (*)

VINICIUS

(*) Este prefacio foi escrito por Vinicius pouco antes do desencarne de Jesus Gonçalves, ocorrido em 16-2-47.

(Nota do editor)

Aos meus filhos

Meus filhos:

DEDICO-VOS este modesto e despretencioso trabalho literário, pois foi pensando em vós que fui capaz de realizá-lo.

Este trabalho simples, concepção do meu espírito tímido e atribulado, sai á luz da publicidade como que para dar testemunho do meu desvelado esforço na luta pela vida.

Fui, nesta passagem pelo planeta, uma árvore pouco venturosa. Sempre batida pelos vendavais impiedosos, suas flores de tempo foram sempre arrancadas dos ramos e ficaram perdidas no turbilhão das coisas mortas!

A muito custo, consegui reunir, dos desfolhados ramos dessa árvore pouco feliz, este punhado de teimosas FLORES DE OUTONO; flores que fenecem facilmente ou caem até ao sopro suave da brisa deliciosa.

Agora, que a árvore entra no seu inverno pesaroso, peço-vos para guardar este ramalhete de flores emurchecidas do meu inexpressivo outono. Bem pode ser que estas flores estéreis venham a representar o germen fecundante dos frutos que haveis de produzir, e que — oxalá — sejam fartos, doirados e saborosos!

JESUS GONÇALVES

Ao leitor

Meu amigo:

É tanta a singelêza deste pequenino volume que está em suas mãos, tão póbre na fórma e na essência, que eu lhe peço, não o coloque na categoria de um livro. Com estas páginas descoloridas, quero apenas dar-lhe a conhecer uma vida inteira de máguas e sofrimentos, dividida em duas etapas, — a do homem comum, sem objetivo além da morte, e a do homem espírita-cristão, que já viu os clarões da aurora boreal da imortalidade.

O homem comum, meu amigo, o que procura a concretização dos seus sonhos apenas nesta vida material, aparentemente confusa, ou é feliz, sadio, rico, e se encastela na sua felicidade transitória, ou no seu egoísmo, ou é desgraçado, enfêrmo, e leva a vida a lamuriar e a blasfemar. E a inveja de um a chocar-se com o egoísmo de outro, na disputa sangrenta do amargo quinhão que a vida, sem os objetivos mais elevados da espiritualidade, póde oferecer.

Lendo os singelos versos que estão em suas mãos, você distinguirá logo os dois homens que viveram uma só vida: o primeiro, que não podia aceitar o sofrimento porque não lhe conhecia as causas; porquê vivia neste mundo e para este mundo; e o segundo, que, sofrendo ainda e talvez mais, porém, resignado, aprendeu a cantar a esplendorosa vida do espírito, procurando crescer para essa vida que se realiza no Infinito, fóra deste mundo.

Procure, meu amigo, ser tolerante, benevolente, e compreender a palavra sincera de quem lhe deseja a iluminação espiritual que faz do homem mais desventurado o ser mais esperançoso.

O Autor.

Flores de Outono

NA miragem do tempo decorrido,
que foi que eu fiz na luta desvelada?
Na trama do caminho andei perdido;
mourejei loucamente e não fiz nada...

Agora, esta visão desconsolada,
do espinhoso caminho percorrido,
como se eu fosse a causa desastrada
dos desastres sociais de que hei sofrido!

Quanto labôr e pranto em tantos anos...
E quantas esperanças e ilusões,
para colhêr no fim meus desenganos...

Porém, das amarguras no abandono,
eu fiz um ramalhete de emoções,
com pobres flores do meu triste outono...

Meus versos

IDE meus versos!... como as folhas sôltas
que se desprendem do seu seio amigo
e vão girando, por aí, revôltas,
buscando um novo poiso, um novo abrigo...

Ide. Mas não sonheis da glória o cume,
porque, marcados do meu sangue e pranto,
bem vos póde queimar o mesmo lume,
que fez as máguas que a chorar eu canto!

Ide dizer o que eu dizer não pude;
pois me foi dado pela sôrte rude;
um coração sadio num corpo enfêrmo!

Ide! Mas se vos fôr contrário o vento,
mofai na insipidês do esquecimento,
como eu mofei na solidão de um êrmo!

Uma vida

NASCI numa paupérrima palhóça,
onde passei a infância e a juventude,
ferindo as mãos no labutar da róça,
queimado pelo sôl, na luta rúde.

Dupla orfandade me colheu. E pude
ver o destino, como zomba e tróça,
de quem tem nesta vida, em plenitude,
todo o mistério que uma vida esbóça...

Cresci. Lutei. Sem ter o privilégio,
da "carta" que se ganha no colégio
e que clareia ao homem seu fadário.

Da palhóça, passei para os salões,
onde nasceram novas ilusões,
que vieram sucumbir num leprosário!...

Tédio

EM mim reside um mal, uma agonia,
que torna o meu viver indiferente.
Talvês um crime que minh'alma expia,
— o crime de sonhar e de ser crente...

Tudo o que é bélo, está de mim ausente.
A tudo estou alheio... Todavia,
a morte tarda. E eu vou contando, doente,
o lento gotejar do dia-a-dia...

As sombras do passado, já distantes;
as promessas futuras, provocantes;
— tudo morreu em mim, sem ter remédio...

Creio até que este mal que não tem cura,
comigo irá morar na sepultura,
p'ra que dentro da terra eu tenha o tédio!

Confidência

ROMPE a alvorada. O dia se levanta.
Triste canário, uma canção solfeja,
em doce voz, em melodia santa,
implora a liberdade que planeja!

Também anseio o que o canário almeja
nesse cantar que a grande dôr suplanta.
Êle, mais fôrte, canta o que deseja,
como mais fraco, eu choro o que êle canta...

Um dia, eu disse ao passaro, em segredo:
— lamento o teu sofrer, o teu segredo,
já que nenhum de nós é criminoso...

Lamento que te dêem a mesma sôrte,
que tua inocencia a mesma dôr supôrte,
Quando tú nem ao menos és leprôso!

Miséria extrema

A sombra de um casébre em que hei morado,
gritando a teimosia da pobreza,
tinha um “tesouro” muito bem guardado,
que o não cambiava por qualquer riqueza!

É que meu lar, primando em singeleza,
era por quatro jóias adornado.
Meus filhos!, quatro jóias de pureza
que o destino me deu como um legado!

Um dia... um vírus, um brutal ladrão,
roubou-me as jóias; deu-me a solidão,
onde a saudade nasce, vinga e móra...

Sem o “tesouro” de valor tão nóbre,
lamento haver chorado por ser póbre,
pois nunca fui tão póbre como agora...

João Ninguém

O meu nascer já foi mal agourado.
Uma coruja impressionou meus pais,
como a dizer: — Vai ser mais um coitado;
um lutador desiludido a mais...

Teve a coruja previsões fatais...
A desfortuna andou-me sempre ao lado.
Todos os males foram meus rivais
e eu fui numa esperança um fracassado...

Filho de um João, sendo Jesus também,
que mais queres, se não essa conquista
de ser um póbre cristo, um João-Ninguém?

Não sei no Além, de que serei herdeiro...
quando eu não for o poeta, o jornalista
e nem o humilde e enfêrmo cigarreiro...

Solidão

A ouvir de tanta gente o vozeiro,
sinto que sou sósinho onde vagueio.
O mundo sangra, a rebentar de cheio
e eu sempre o vejo para mim vasio.

A taça de veneno que esvasio
faz-me, talvez, um cégo. E, nesse enleio,
não sei se vejo o “mau” no meu receio,
ou se não vejo o “bom” no meu fastio...

Buscando a causa dessa solidão,
— fonte de maguas e de amargos prantos,
— cheguei á dolorosa conclusão...

É que, no tumultuar dos vendavais,
no qual ando a vagar por entre tantos,
faltam uns poucos que não vejo mais...

Gósto da noite

GÓSTO da noite... para ver o mundo
á luz da lua, envolto na penumbra;
dormindo no silêncio mais profundo,
— silêncio que me prende e me deslumbra!

Gósto da noite!... Amiga de quem pensa
e de quem sófre e a vida não tolera...
também de quem padece de descrença
e que uma noite longa, eterna, espera...

Porque, se o mal e o bem, tudo adormece
e cada “ser” do outro “ser” se esquece,
dentro da noite tudo é mais sincero...

Gósto da noite! O mundo é menos duro.
Não penso tanto no que em vão procuro
e que de dia inultimente espero!...

Teus quinze anos

N

(À minha filha Jandira)

UM maio perfumado, assim como este,
quando vão para o céu hinos de amor,
tú, entre áfagos paternais nasceste,
pr'á ser do mundo a mais bonita flôr!

Aos teus quinze anos, neste mês das côres,
quero render-te o meu sincero preito.
Dêstes meus versos, fiz mimosas flôres,
flôres cheirósas que tirei do peito.

Estás na vida, em plena primavera!
Idade juvenil, a mais mimosa...
Todos os sonhos são de azul-quimera!
Todas as Flôres são da côr-de-rosa!

Eu te desejo, em letras cristalinas,
que tenhas tudo o que do mundo quêres.
E já que foste um anjo entre as meninas,
Sejas senhora e santa entre as mulhéres!

Solidariedade

E

M baixo destes céus, por estes áres,
faz moradia alegre a passaráda
que sabe ser feliz e sem pezares,
onde eu sou triste em lúgubre morada...

Nas môitas, nos jardins, pela ramada,
andam pardais aos mil, pombos aos pares,
cantando as mil canções da madrugada,
no confuso rumôr dos mil cantares!

E em primavera eterna e venturosa,
não abandonam êles a paragem,
sem ter medo da doença contagiôsa...

Por isso aos passarinhos amo tanto!
E se entendesse deles a linguagem,
com êles cantaria o mesmo canto.

Recordar

QUIZERA num só dia recordar
e todo o meu passado percorrer.
Outra vez minha infância ver chorar!
E minha adolescência ver sofrer!

Rever todas as cenas dolorosas,
vagando em meu jardim, em seus caminhos,
nesse jardim que nunca teve rosas,
— jardim de sombras, que só teve espinhos!

Sofrer de novo tudo o que sofri.
Sentir de novo as máguas que senti,
se Deus me desse o dom dessa magia.

Assim, nesta cruel atualidade,
teria um dia de felicidade,
vivendo a vida toda num só dia.

Piedade

COMO me apiédo ao ver batendo rua,
perambulando, sem destino ou lême,
essa criança incáuta e semi-núa,
cujo entusiasmo pela vida frême.

Esse anjo-heroi, que nem a fome teme!
Flôr descuidada, que ainda assim flutua
por sôbre o ramo balouçante e treme
vergada ao pêso da miséria sua...

É que eu me lembro, ao ver esse garoto,
que andei de pés descalços sobre abrolhos...
e já fui cara-suja e chapéu-rôto...

Vem de mim mesmo, pois, essa piedade.
De mim, que apenas tive, abrindo os olhos,
a herança da miséria e da orfandade.

Ozório

OZÓRIO. A ti, que és “troça” da cidade,
se os homens não são bons, não são tiranos;
jamais espreita o sono uma saudade,
nem a esperança se aniquila em planos...

Não sófres de descrença ou desenganos,
porque não tens inveja e nem vaidade.
Pouco te importa o suceder dos anos,
sempre menino a envelhecer na idade.

Por isso, tú, que causas dó pungente,
aos que merecem pena em suas paixões,
a mim, causas inveja, simplesmente...

Sim!... Quem me dera ter gelado o tino!
Não habitar castelos de ilusões...
e não viver a espera do destino!

Eterno carnaval

PARA que o carnaval, a que se apêga
a humanidade, num delírio agudo
e, tonta de prazer, de gozo, cêga,
faculta-se a deshonra, o crime, tudo?

Para que esteja ensurdecido e mudo,
o falso brio que a hipocrisia préga?
E então o instinto vindo á luz desnudo,
revele o monstro que a carcassa néga?!...

Mas, por que a permissão da lei festiva,
a máscara genial da fantasia,
que esconde a velha máscara nativa?

Imunda não é a vida quotidiana?
Não vive a pagodeira dia a dia,
no eterno carnaval da espécie humana?

O cego

DO cego, oh! que existência dolorosa!
Segue-o, fantasma-sombra persistente,
que faz do dia a noite tenebrosa
em que êle arrasta a vida tristemente!

Diante dele não brilha, reluzente,
toda a constelação maravilhosa!
Há só uma sensação inconsistente,
que lhe povôa a alma imaginosa.

Vendo no som a imagem concebida
e tendo em cada anseio um sofrimento,
meia existência tem em toda a vida...

Mas póde ver (que triste desengano!)
de ouvido alerta e coração atento,
o negro proceder do "ser" humano!

O médico

LUTANDO noite e dia, entre os horrores
do eterno monstro-morte insatisfeito,
o médico merece mil louvores,
na glória do que faz, do que tem feito.

Como fica orgulhoso, satisfeito,
(se não provar de amargos dissabores)
quando vái a sorrir, de leito em leito,
salvando vidas, mitigando dores...

Mas, oh!... que incompreensível ironia!
Vindo a mórte, que á ciencia desafia,
fica nulo o saber, e a ciencia cái.

As vezes, com sua alma compungida,
estreita sobre o peito a mãe querida,
ou chora sobre o corpo frio do pai!

Felicidade

FELICIDADE! que engenhoso ardil...
Trama de sonhos, num doirado encanto.
Ninguém a vê, sempre a passar sutil...
Apenas se ouve o farfalhar do manto!.

Como promete estar por todo canto,
tendo um celeiro de venturas mil,
todos se matam, por quere-la tanto,
traídos pela senha côr de anil...

Então, o que será a excelsa dama,
toda sensual, que o coração inflama,
aos filhos da insensata humanidade?

Deve ser tudo: o ouro, o luxo, o amor,
o "seu" que cada um se diz credor
e que não chega a ser felicidade.

Adão e Eva

NADA. Depois, o gesto excelso, a chama
que esparge intensa luz na densa tréva...
Depois, Adão, do barro vil, da lama.
E da semente da costela, — a Eva...

A tentação numero um enleva
aos dois. A astúcia da serpente, trama
a deslealdade que ao pecado leva
o homem primeiro e a primeira dama!

Medrou a sementeira. Encheu-se a terra,
de mórte... odiosidade... desconfiança...
cadeias... hospitais... hospícios... guerra!

Porém, como entre espinhos nasce a flôr,
assim, como um reparo ao mal da herança,
do impudíco casal... nasceu o amôr!

Poeta

BONITO! De ser poeta, injusta fama ostento!
Como subir, porém, na íngreme ladeira?
Um dia, quis contar um único tormento
e não sei como foi, contei a vida inteira.

Valei-me ò Musa Maga, ó Musa feiticeira!
Vinde depressa a mim. Dái luz ao pensamento.
Fazei vibrar a minha lira, de maneira
que eu possa um verso por em cada sofrimento.

Sim! Porque fazer jús á fama, eis que se impõe,
ao póbre coração, que nada mais dispõe,
se não os cem mil sonhos que já vão dispersos.

E que fazer? Já sei! Bendita essa poesia!
Enquanto os outros dão aos poemas melodia,
eu poderia chorar pelos meus tristes versos.

Nineta

VOCÊ nasceu de um laço de amizade.
Cresceu nos braços bons da simpatia
e veio a ser o amôr-sinceridade,
que veio a ser meu pão-de-cada dia.

Depois... sofria ao vê-la e se a não via,
porque só o querer vê-la era impiedade.
Não vê-la era sofrer de uma agonia,
que leva o lindo nome de saudade.

Em fim nos encontrámos no caminho.
Guiados pelo amôr que é força e vida,
achámos, afinal, nosso cantinho...

E como a quero, assim você me quer!
Chego a pensar ser seu irmão, querida...
e você ser irmã, sendo mulher!

V

VIBRANTE de entusiasmo, a minha terra,
velho berço de Amôr, de Luz e Paz,
viu-se envolvida no furôr da guerra,
vencendo tudo, valorosa, audaz!

Vinculada no exercito tenaz,
valeroso que a força aliada encerra,
vislumbra, no valor de que é capaz,
vitória sobre quem o mundo aterra!

vilipendiada no seu brio sutil,
veio a ser a pujança, a força que
vingará insultos do inimigo vil!

Vaidosa da sua força e da sua glória,
vai ler no céu azul, num grande "V"
— viva o Brasil, esteio da vitória!

Cruz de estrelas

O grande Artista que haja o mundo feito,
creio que, exercitado em feitos mil,
pensou num mundo novo, sem defeito,
fazendo um novo mundo no Brasil!

E fez-se a Pátria linda e varonil,
aliado o belo ao bom, — o sonho eleito!
Fundindo céus e sóis, no mais sutil
engenho de labor, — surge o perfeito!

Tão repleta de luz e de beleza!
eu vejo em minha pátria toda a Geo!
E vejo nesta jóia a Natureza!

Para ser destacada entre as mais belas,
é marcada de luz em pleno céu,
no luzente sinal da "Cruz de Estrêlas"!

As violetas

RESSURGE a primavera dadivosa,
com o cantar dos pássaros em festas.
As flôres, cada qual é mais formosa,
vestem jardins, pomares e florestas!

Até no céu, na abóboda azulada,
as estrêlas parecem mais felizes,
porque vêm outro céu na terra, dada
essa babel luxuosa de matizes...

A disputar o cravo, a rosa, o lírio,
empenham-se, num sôfrego delírio,
abelhas, colibris e borbolêtas.

E o poeta, ao descrever tanta beleza,
fica parvo, sentindo a natureza,
na perfeição excelsa das violetas!

A cruz de ferro

JESUS. O teu martírio eu reconheço.
Na culminância do maldoso engenho,
tiveste no calvário o Teu tropeço
e da Suprema Sina o desempenho!

Ao ver-te exangue, sobre o infame lenho;
todo o Teu povo á Tua bondade avêso,
eu julgo inútil o Teu santo empenho,
pois Justiça entre os homens desconheço!
E como outróra, Tú, salvar quizeste,

áquele, em cuja fôrma ao mundo vieste
e que Te foi brutal, ingrato e pêrro;

também agora, se ao planeta viéres
e aos homens, outra vez, salvar quizeres,
por certo morrerás... em cruz de ferro!

Mulher

MULHER. Eu considero sem temer,
embora digam somos nós iguais,
que deves ser na terra um pouco mais,
mais um pouquinho do que o humano-ser.

Porque, tudo que o mundo veio a ter,
desde os primeiros planos divinais,
até as humanas pretensões atuais,
sómente tú fizeste florescer.

Porque, se te condena a vélha história,
a mesma que te acusa em lenda inglória,
como berço do mal, do impuro amôr;

eu vejo que és a mãe do “ser” humano
e que, do sujo pó do “ser” profano,
chegaste a ser a mãe do Redentôr!

Judas

HOUVE na história do Celeste Guia,
um Judas Iscarióte, — o delator,
que ardente de cobiça, um certo dia,
vendeu quem era Amigo e seu Senhor.

Um misto de remorsos, medo, horror;
de orgulho, de vergonha ou covardia,
moveu-lhe a mão sinistra de traidor!
E a morte castigou-lhe a rebeldia!

Daí, era de crer-se extinta a tára...
não vingariam mais rebentos seus,
visto que a má semente terminára.

Mas, oh! céus!... Vinte séculos depois,
há judas neste mundo-de-meu-Deus,
na louca proporção de mil por dois!...

Chorando

A minha “esperança” perdeu-se e foi dar
na casa onde vive a Senhora Saudade;
pois, mãos invisíveis, fecharam meu lar
e deram meus filhos á dona Orfandade!

Havia um começo de felicidade,
nas azas do Sonho que voava a cantar...
mas, veio um bacilo, — que infelicidade! —
e toda a família se pôs a chorar!...

Depois, esta ausência, cruciante, infinita,
por causa da praga, chagosa e maldita,
que, como um sarcasmo, se préga marcando...

Por essa saudade, que não tem mais fim,
lá longe eles vivem chorando por mim,
enquanto eu por eles também vou chorando...

Esquece

PROSSEGUE doente! tú, que és tão sozinho.
Cumprindo o teu destino, olha o painel
que, no horizonte, ensombra o teu caminho.
Prossegue. E deixa atraz todo o tropél.

Não olhes para traz. E vai e passa,
na insípida visão desta passagem.
Constrói da côr que o coração traspassa,
a flama luminosa da coragem!

Anda! E terás no abrôlho em que ferires
os pés, o lenitivo, se me ouvires
neste conselho terno como a préce...

Perdôa ao mundo a dôr desse ostracismo,
numa santa façanha de estoicismo.
E segue sempre! E o mais na vida esquece!

Janeiro

SALVE! salve janeiro dadivoso!
Surges cantando os hinos da bonança,
como um brinde, que o tempo caprichoso,
oferta ao “ser” humano que te alcança.

Como o lendário mês que dá confiança,
ao homem combalido e desgostoso,
és sempre um novo sôpro de esperança,
mesmo que sejas falso e mentiroso...

E enquanto vens e o tempo te consome,
o rico péde mais á tua fartura
e o póbre péde o pão que mate a fome...

E quem te espera, em ânsia, um ano inteiro
e só recebe parte de amargura,
consola-se a esperar outro janeiro!

Falta

(1.940)

ONDE andarás um “não sei quê”, um Bem,
em cuja busca sou judeu errante?
Por onde eu passo, já passou também...
E quando chego já partiu há instante...

Não sei se estás na vida, ou mais adiante,
dentro da morte, nas mansões do Além...
Se estás no amor... se estás na fé, perante
os dois altares que esta vida tem.

Mas, se esta vida é um sonho, a morte o nada;
o amor um pesadelo; a fé receio;
por que manter-se em luta desvariada?...

No entanto, eu sigo... acovardado, triste...
a procurar em tudo em que não creio,
a coisa que me falta e não existe!

Novos Rumos

Novos Rumos

**Daqui por diante, o homem que acordou
do torpor da mórte — a mórte da ignorancia!**

**Daqui por diante o homem que sabe ser
êle mesmo, o autor do seu destino e conse-
quentemente o criador das dores que o de-
puram.**

Falta

1.943

HOSANA! Eu já encontrei o grande Bem,
em cuja busca fui judeu-errante.
É o facho luminoso que contém
a luz que me ilumina a todo instante!

E êle está na vida e mais adiante,
dentro da mórte, nas mansões do além...
Está no amor... Está na fé.. Perante
os dois altares que esta vida tem!

Pois, nem a vida é sonho e a morte o nada.
O amor, é luz; a Fé o santo meio
de tornar esta luta compensada!

Por isso eu sigo... nos caminhos meus,
a procurar em tudo quanto creio,
a coisa que faltava e... que era Deus!

Novo rumo

ANDEI por este mundo, inutilmente,
vagando por veredas tenebrosas.
Um fardo de matéria que eu, demente,
levava sob angústias clamorosas...

Só tive dores, lutas dolorosas,
porque os homens fizeram-me indolente
na busca das cousas venturosas,
que existem no Infinito, tão sómente.

Agora, novos rumos! Deixo os velhos!
A Carga já não pésa, a dôr não dói,
guiado pela luz dos Evangelhos!

Lévo sozinho, agora, a minha cruz,
pois a paciência todo o mal destrói,
seguindo o santo exemplo de Jesus!

Eu

EU, desta vez, metido na enclausúra
de um cárcere de chagas e de dores,
vivo cantando o Bem da desventura,
num grande espinheiral colhendo flôres!

Animado que estou de outros pendores,
vejo no Amôr a única ventura.
E bebo o fêl crucial dos dissabores,
certo de ser um bem o mal que cura!

Cumpre-se a Lei! As lágrimas vertidas
são como orvalho de manhã radiosa,
que vem curar as chagas de outras vidas.

Outrôra Fariseu, fugia á Luz...
Palmilho agora estrada dolorosa,
buscando Aquele que morreu na cruz!

Anita

PARTISTE! para o último recanto!
Mentira, a mim parece essa verdade.
Passaste a residir no Campo Santo
e eu é que fiquei na soledade...

Partiste!... no esplendor da mocidade,
deixando-me já tropego e sem canto...
Em teu lugar ficou dona saudade,
a recordar-me quem recórdo tanto!

Tão boa foste, que provar quiseste!
Mesmo depois de morta, num transporte,
falaste-me da doce Paz Celeste!

Então, pús-me a pensar, dêse a partida:
— vou precisar de tí depois da morte,
mais do que precisei durante a vida!

Segundo coração

DEVERA, para o amôr, haver na gente,
um outro coração intercalado,
que para o amôr pulsasse unicamente,
sem ódio, sem rancôr e sem pecado.

Que fosse um coração imunizado
contra qualquer sentido diferente;
feito do amôr, por êle escravizado,
pulsando sem cessar, constantemente!

Que o amôr impuro que há purificasse,
banindo a ingratidão, a falsidade,
e sem amar, a mais ninguém deixasse.

Que á vida desse o dom da meiga flôr,
tornando-a, — sem luxúria, sem maldade,
— amôr!. Sómente amôr!... Sómente amôr!...

Préce

JESUS de Nazaré, é quem refiro,
na pálida expressão de verso e rima;
pois Ele é o grande Guia que prefiro,
na infância desta fé que a crença anima.

Pensando Nele, sinto o suave clima
das paragens da Fé, do Bom-Retiro
onde gravita a força que reanima
e a Luz consoladora em que me inspiro!

E seja a inspiração, qual pura préce,
qual confissão de muitos mil pecados,
que a alma arrependida reconhece!

E, se é justo pedir com humildade,
por outros meus irmãos desconsolados,
rôgo a Jesus por toda a humanidade!

Amôr

AMÔR! Sublime e excelso sentimento!
Inesgotável fonte de ternura!
Lenitivo da dôr, do desalento,
que, mesmo onde há desgraça, põe ventura!

Amôr! Berço do afago e da candura!
Segredo da Justiça e esquecimento!
Único apêgo em toda desventura...
Único "Bem" que dá contentamento!

Amôr! Faról de intensa claridade,
a iluminar os mundos do Infinito,
por onde ha-de passar a humanidade!

Vencendo os maus e convertendo ateus
e rebatendo todo o mal maldito,
o amôr é doce paz... o amôr é Deus!

As moradas do céu

ESTRELAS do infinito! Lâmpadas doiradas!
Sempre luzindo assim, em flócos pequeninos,
vós sois - não se duvida - as tais "muitas moradas"
de que Jesus nos fala em lúcidos ensinos!

Oh! sóis maravilhosos! Mundos peregrinos,
que andais em turbilhões, em loucas disparadas,
sulcando o espaço imenso, a preparar destinos
para as almas que estão do mal emancipadas.

Sois páginas de fogo, cheias de verdade,
falando eternamente, em todas as linguagens,
que móra em cada mundo igual humanidade.

Falais no mesmo tom, a crédulos e ateus:
— Oh! vós que contemplais as celestiais paragens;
nós somos como vós, nascidos de um só Deus!

Veneno mortal

DESPERTA, oh! meu irmão! Eis que te chama
a voz de Deus, plantada no Infinito!
Basta de sangue e horror. Chega de lama!
Põe-te de pé, de coração contrito!

Escuta a clarinada. Escuta o grito
que vem do espaço e teu amor reclama!
Deixa o passado estúpido e maldito!
Adóra a Deus! Á humanidade ama!

Deslumbra-te ao clarôr da aurora santa.
Alvorada de amor, de amor profundo...
que canta aqui... que em toda a parte canta!

Sacóde o pó do orgulho e da jatância.
Ajuda a combater o mal do mundo:
— o veneno mortal da ignorância!

Aspiração

Q UEM me dera poder, ao sair desta vida, galgar um mundo superior!
Mundo de eterno bem, de eterna festa,
em extases de luz e puro amôr!

Mas sei, porém, que, embora em negra dôr,
uma vida sem feitos nada presta.
Terei que vir, humilde devedôr,
para saldar a conta que ainda resta...

Só quero, pois, que Deus me favoreça,
quando ingressar de novo neste abismo
de carne, que três coisas não esqueça:

— Recorde ser espírito mais velho:
de novo viva á luz do Espiritismo,
para beber na fonte do Evangelho!

Profissão de fé

E SPÍRITAS! Vencei o medo atróz
de confessar o Cristo! Meus irmãos,
se o cristianismo está vivendo em vós,
que todos saibam que vós sois cristãos!

Não cultivemos preconceitos vãos!
Que todos vejam bom exemplo em nós.
Vêde que o Cristo nos estende as mãos
e nos convida a ouvir-lhe a santa voz!

Avante, pois! Dizei a todo mundo:
que o Espiritismo é esplendida verdade!
e que votais ao Cristo amôr profundo!

Que observais do Méstre os Seus ensinoss
e que também amais á humanidade,
amando o Pai de todos os destinos!

Receita

POR onde vais, humanidade insana?
Que mais, dentro do mal, queres fazer?
Não vês que do teu erro é que dinama
o louco orgulho que te faz sofrer?

O teu egoísmo te não deixa ver,
o falso objetivo que te engana.
Supões na “força” o máximo poder
e a “força” te destrói... te desengana...

E enquanto não tiveres compreensão,
de que a maldade mais maldade gera,
mais amargor terás no coração!

No entanto, para todo mal e dôr,
ha um remédio que acalma e regenera:
— Receita de “Jesus — gôtas de amôr!

O Consolador

JESUS, Mestre Divino. Ha dois mil anos
vieste visitar a humanidade.
Quizeste confundir bons e tiranos,
na mesma Lei de Amôr e Caridade.

Pregaste muito amôr, muita bondade,
na lúcida passagem de alguns anos.
Os homens, mais afeitos á maldade,
causaram-te amargura e desenganos!

E agora veio o Teu “Consoladôr”,
a confirmar o que disseste outróra,
trazendo nóva luz e mais amôr!

Bem haja que, Jesus de Nazaré,
os homens Te compreendam mais agora,
no áureo resplendôr da nova Fé.

Nunca é tarde

SE a humanidade visse um pouco além da sua visão carnal, minguada, estreita, talvez tivesse a ciência que não tem, de ver na morte a vida mais perfeita.

Então não andaria insatisfeita,
a consumir seus dias no desdem.
Conheceria a Lei de Deus, que é feita
para ensinar a evolução do Bem.

Mas nunca é tarde. Póde ser que um dia
cansada das doridas amarguras,
onde ela crê ser noite, veja o dia!

E então... ha-de chorar por não ter visto,
que o que a levava a pérfidias loucuras,
era não crêr no Amôr de Jesus Cristo!

Afinal

EM luta tenebrosa eu me batia,
julgado, por mim mesmo, um pária errante.
Uma nefasta, atróz melancolia,
tomava as rédeas do meu ser pensante.

A vida era uma carga torturante.
Lutava, sem sabêr porque o fazia.
A par miséria e dôr, sempre constante
plantava no meu "sêr" a rebeldia.

Quando a dôr foi mais fôrte e mais pungente,
veio, afinal! a luz do Espiritismo,
esclarecendo a treva de repente...

Por isso, felizmente, é que compreendo,
na esplendorosa luz do Cristianismo,
minha ventura de vivêr sofrendo!

Convite

O que tem olhos que veja
e ouça quem tem ouvidos.
Ignorante não seja,
por falta desses sentidos.

Vem vindo, devagarinho,
o reino de Amôr e Luz.
É sempre o mesmo o Caminho:
— o puro Amôr de Jesus.

Ele convida o seu povo,
para a suprema vitória,
quando Ele volte de novo,
pleno de gozo e de glória.

E muito mais alegria,
terá o cordeiro consigo
se a ceifa daquele dia
Lhe apresentar muito trigo!

E quem não queira ser joio,
na faina de seu destino,
busque em Jesus seu apôio,
nas luzes do Seu ensino.

O Espiritismo é do Cristo,
sua promessa cumprida:
“— Eu vos darei depois disto,
novas palavras de vida.”

Está travada a batalha,
às ordens do Salvadôr.
Não ha Canhão nem metralha,
que vença as Hostes do Amôr!

Se alguém quizer se alistar,
que ingresse no Espiritismo,
para com alma lutar,
por um sadio Cristianismo

A Samaritana

NA Samaria, enquanto os companheiros foram suprir a bolsa de alimentos, Jesus, parou de andar dias inteiros, propôs-se repousar alguns momentos. Sentou-se o Nazareno ao pé da fonte. O sól brilhava em raios refulgentes. Havia ali um poço ao pé do monte, que Pai Jacob legára aos descendentes.

Foi a mulher samaritana ali, para tirar da linfa deliciosa. Ao ver de pronto, o vulto do Rabi, ficou assim um tanto receiosa. Pois quem seria o tal desconhecido, de tão sublime olhar, tão lindo aspéto, que ali estava a cismar, tão recolhido, assim tão majestosamente quieto?

O Mestre ao vê-la, deu-lhe a perceber que tinha sede e disse, em tom bondoso: “— Mulher: se queres, dá-me de beber, pois vai o dia muito caloroso.” Ela, mirou-o mais. Depois, por fim, um tanto embaraçada, respondeu: “— Pois como pédes de beber a mim? Eu sou samaritana e Tú judeu...?”

“— Se escutasses a voz mais interior e julgasses de modo mais profundo, saberias que Eu sou distribuidor, da Água da Verdade neste mundo. E se tivesses visto o dom de Deus e fosse tua consciência mais ativa, saberias quem sou entre os judeus, e tu Me pedirias Água Viva!”

“— Água Viva?... Mas é tão fundo o poço, que não pódes cumprir esse desejo... Se a não pódes tirar deste colosso, onde tens, pois, a água que não vejo? Maior que Pai Jacob, és porventura? Ele nos deu o poço no passado e todos tem bebido com fartura, o líquido que é sempre renovado...”

Mas disse-lhe Jesus, todo bondade: “— Quem bebe desta água, Eu te asseguro, por mais que beba e beba á saciedade, terá contínua sede no futuro. Esta que Eu dou, porém, é que sacia; e não se tira de qualquer cisterna. Quem dela bebe, é fonte que irradia, emana a água para a vida eterna.”

“— Senhor! — disse a mulher — da que Tú dás eu beberei agora alegremente.

Assim, não terei sede e terei paz sem ter que vir aqui constantemente.

“— Pois vai então chamar por teu marido, — disse o Rabí — e vem aqui depois.

Assim, não ficará como esquecido, e do que Eu der a tí, darei aos dois.”

Marido?... Mas... e um súbito rubor roçou-lhe o rosto. Mas, com certo empenho, algo nervosa, respondeu: “ — Senhor! Não poderei chamar o que não tenho.”

E, sentenciou, Jesus, profetizando:

“— Numa verdade pura Me disseste. Não é teu quem contigo está morando. Maridos... sei que cinco já tiveste...”

“— Senhor! Tú és profeta! Tú és profeta!

— Exclamou a mulher admirada — pois como dás sentença tão correta, sobre coisa que eu não Te disse nada?

Dize-me, então alguma coisa mais: onde adorar a Deus? Aqui ou além? Neste monte conforme nossos pais, ou lá na capital, Jerusalém?”

— Ouve-me bem, mulher, — disse o senhôr — Trago Comigo histórico momento.

Os que procuram luz e puro amôr, adorarão o Pai em pensamento.

Deus é o espírito da humanidade.

A mais pura e perfeita adoração, sejam feita em Espírito e Verdade, com um altar em cada coração.

“— Espera-se o Messias, bem o sei.

— disse a mulher, buscando assunto novo. —

É o Cristo que há-de-vir. E será Rei.

E tudo ensinará ao nosso povo.”

“— Por hoje — Êle lhe disse — vou findar

De nada mais precisas depois disto.

Procura neste momento recordar.

Eu que falo contigo... Sou o Cristo!

O Evangelho

QUEM do Evangelho apreender
Sua real substância,
não o poderá mais viver
nas sombras da ignorância.

É Lei de Amôr e Justiça,
que vem de fonte divina.
Combate o orgulho, a cobiça,
na mais perfeita doutrina.

Páginas vivas de Luz,
são magistral monumento.
Não são das mãos de Jesus,
mas são do Seu pensamento.

Não tem mistério encoberto,
que muitos lhe querem dar,
O ensino é claro e bem certo:
— que os homens saibam amar!

E dessa Lei luminosa
canto de amôr e bondade,
desponta a flôr mais mimosa:
— a lirial caridade!

Nos fala o Mestre Divino,
dos mundos, da evolução,
nos esclarece o destino,
na Lei da reencarnação.

Bendito todo o que veja
essa torrente de Luz
e diga: — Bendito seja
O Santo Mestre Jesus.

Cumpre o Evangelho ensinar,
com lealdade e clareza,
sem confundir, deturpar,
sua sublime pureza.

A grande fábrica

A uma fábrica o mundo se compara.
O proprietário é Deus. Jesus o Mestre.
E num labôr constante, que não para,
progride a grande fábrica terrestre.

Cada alma é no mundo um operário,
que vem tecer a túnica futura.
Aquele que há-de ter como salário
— a vestimenta branca da candura.

Há fios de toda a côr, no estóque imenso.
Na preferência, plena liberdade.
Da aplicação serena do bom senso,
depende o não errar na variedade.

O preto é feio, a encarnação dos vícios.
O branco simboliza o Bem, o Amôr.
Quem tece mal, tem lutas, sacrifícios,
a repetir as provas no labôr!

Que se acautele o tecelão prudente.
Escolha os fios que têm a côr da luz.
Assim irá morar, resplandescendo,
nas fúlgidas moradas de Jesus!

A grande enferma

HA algo de anormal em nosso mundo!
Gritos de horror! Hosanas de alegria!
Alguem que se estertora, gemebundo,
nos últimos alentos da agonia...
A humanidade corre e quer saber:
Qual será a novidade? Que há de novo?
— A mórte está doente e vai morrer!
— É a notícia que corre pelo povo.

Morrer a mórte!? O monstro matador!?
esse fantasma milenar, que mata
o sôpro da esperança, a luz do amôr
nos corações medrosos que maltrata?
Quem terá sido, qual David ousado,
de animo sereno e de braço forte,
que em lance emocional, tão arriscado,
ferisse assim de mórte a propria Mórte?

E vozes cristalinas do Infinito
respondem à total curiosidade:
— Quem tem esse poder, poder bendito
que vence a morte chama-se: Verdade!
Feriu a golpe de bom senso e amôr,
na luta da razão, sem fanatismo.
A arma sem igual do vencedor
é uma luz que se chama Espiritismo!

A esperança da vida se renova.
Ninguém caminha agora vascilante,
pois vão meter a morte numa cova,
de onde surge a vida fulgurante!
Agora a sinfonia sideral,
então hinos de imortalidade.
E um cântico canta em ritmo triunfal:
Fraternidade, irmãos, Fraternidade!

ÚLTIMOS VERSOS

Rosas

○ H! par de rosas formosas
que eu vejo perto de mim;
quem vos fez assim cheirosas,
fez muitas flores assim.

A Natureza enfeitando,
Sois úteis trabalhadoras,
pois conservais meditando
as almas mais sonhadoras.

A vossa vida ligeira,
de ostentação resumida,
é uma lição verdadeira,
do que há no mundo e na vida.

Na sua fôrma exterior,
tudo no mundo é fugaz,
tudo tem vida de flôr
que o tempo vem e desfaz.

Da vossa curta experiência,
do curto brilho em que estais,
floresce a mais pura essência,
que não se extingue jamais.

É vosso arôma e perfume,
qual delicado troféu,
que vossas vidas resume
em outras flôres no céu.

Assim, as coisas do mundo
não são o luxo, a vaidade;
sim o que vive profundo,
na vida da eternidade.

Também na grande passagem,
da vida humana agitada,
não há apenas miragem,
temendo a sombra e o nada.

Dentro do homem palpita,
um outro homem mais puro.
Sêr que se bate e se agita,
para escapar do monturo.

Oh! rosas, rosas de amores,
senhoras dos versos meus,
no fundo tudo são flôres,
a caminhar para Deus.

Os vendilhões

EU sofro muito. Como não. Demais!
Meu corpo não quer paz, nem armistícios.
Ele é quem cobra, austéro, com seus ais,
meu passado sem luz, de malefícios.

Cumpre vencer defeitos, velhos vícios,
gula, luxúria e erros sensuais.
Cumprir a Lei, com grandes sacrifícios.
E procurar não transgredir jamais.

Vencer o orgulho, o egoísmo, o ódio, a inveja.
Na luta, entre sorrisos e gemidos,
buscar fugir de tudo o que rasteja!

Penso em Jerusalém, no Santo exemplo.
E de azorrague, em golpes destemidos,
hei-de expulsar os vendilhões do templo!

Um anjo

À JULINHA

JULINHA, alma de escól e sonhadora!
No seu labôr cristão de cada dia,
é força perenal e construtora
que impõe amôr, depois da simpatia.

Pregoeira do Bem e da anistia,
da Luz-Verdade regeneradora,
onde haja frio, nudez, mesa vasia,
ela é Bonança e Paz consoladora!

O mundo em que nasceu não a seduz.
Corpo daqui, e alma dos espaços,
morando aqui na treva e lá na Luz!

Aqui, ali, além, onde estiver,
conhece-se, por todos os seus traços,
anjo encarnado em corpo de mulher!

A voz do Mestre

VIM do seio do Pai a vos falar,
a vós que andais buscando liberdade:
Sómente essa ventura haveis de achar,
no coração sagrado da Verdade.

Se o mundo não vos dá felicidade,
é que andais nesta vida a tropeçar.
Predestes-vos nas malhas da maldade;
tudo quereis e nada quereis dar.

Atendei: todo o espírito é imortal.
Haveis de caminhar por muitas vezes
nas jornadas da vida material.

Se quereis paz, — tomai a vossa cruz.
Vencei o mal, os vícios, os revezes,
crescendo para o Bem, o Amôr, a Luz.

MEDIÚNICAS

Psicografadas por
FRANCISCO CANDIDO XAVIER
em Pedro Leopoldo

Rendendo graças

BENDITA sejas, Dor, por onde fôres,
Luz sublime entre as luzes mais sublimes,
Benfeitora do Céu, que nos redimes,
Aureolada de ocultos resplendores!...

Nos teus braços maternos salvadores,
Com que, amorosa e justa, nos comprimes,
Lavei minha alma e resgatei meus crimes
De outras eras nos gosos tentadores.

Usando a lepra — a chave escura e triste —
Que nos compele o ser a ouvir-te a sós.
Agradeço-te a porta que me abriste,

Contigo, na amargura e na agonia,
Encontrei, soluçando de alegria,
O Cristo amado que morreu por nós!...

Aos companheiros de Pirapitinguí

AMADOS, que a verdade fortalece,
Dos portos luminosos que transponho,
Em nossa imensa luta os olhos ponho,
Na comunhão do amor envolta em prece.

O sofrimento é a luz que nos aquece,
Sinál de Deus que nos aclara o sonho
No porvir de alegria, calmo e risonho,
De ventura que nunca desfalece.

Nas dores que laceram como adagas,
Não olvideis Jesus em sangue e chagas,
No seu trono de lágrimas doridas!...

Contemplando-lhe a cruz ingrata e escura,
Lavaremos no pranto da amargura
As trevas que trazemos de outras vidas...

Liberto, enfim...

OUTRORA, á frente de conquistadores,
Num trono de fantásticas riquezas,
Despojando cidades indefesas,
Comandei o cortejo de esplendores!

Depois... infernos atormentadores,
Brazeiros vivos, maldições acesas,
Ligado á angústia de milhões de presas,
Apunhalado o peito por mil dores...

Depois ainda... um reino de feridas,
Um sólio de aflições desconhecidas
E um cetro de degrêdo e solidão...

Deslumbrado, acordei na Eterna Aurora,
De alma liberta para a redenção.
Mas, em seguida á lepra que devora,

Palavras do companheiro

(AOS MEUS IRMÃOS DE PIRAPITINGUI)

I

IRMÃOS, cheguei contente ao Novo Dia
E ainda em pleno assombro de estrangeiro,
Jubiloso, saltei de meu veleiro
No porto da Verdade e da Harmonia.

Bendizei, com Jesus, a dor sombria
Na romagem de pranto e cativoiro,
Nele achareis o Doce Companheiro
Para as rudes tormentas da agonia...

Não desdenheis a chaga que depura,
Nossas horas de amarga desventura
São dádivas da Lei que nos governa!...

As escuras feridas torturantes
São adornos nas vestes deslumbrantes
Que envergamos ao sol da Vida Eterna!

II

AVE, maravilhosa madrugada
Que desdobras a luz no céu aberto
Alem das trevas, longe do deserto
Onde a esperança geme incontentada!

Salve, resplandecente e excelsa estrada
Sôbre o mundo brumoso, estranho e incerto,
Que acolhe, em paz, o espírito liberto
Na vastidão da abóboda estrelada!

Oh! meu Jesus, que fiz na noite densa,
Por merecer tamanha recompensa
Se confundido e fraco me demoro?!

Recebe, ante a visão do Espaço Eleito,
A alegria que vaza de meu peito
Nas venturosas lágrimas que choro...

Gratidão a Jesus

ELE vinha ao meu lado em noite escura,
Quando minha alma orava á angustia presa,
Através do Evangelho da Beleza,
Libertar-me das trevas da amargura.

Sublime de Humildade e de Realeza
Revelava-me a luz formosa e pura
Que colhemos na carne que depura
Torturada de dôr e de tristeza...

.....
Agora, meu Jesus, que a prova é finda,
Deixa, Senhor, que eu te agradeça ainda
O sofrimento, a chaga e a solidão!

Recebe no esplendor do Eterno Dia
O pranto que derramo de alegria
Nas preces pobres de meu coração.

Hosanas

GRAÇAS a ti, ó Dor, minha alma agora
Bendiz o sacrificio amargo e justo...
Graças a ti lutei, vencendo a custo
As fronteiras da angustia que devora!

O teu calix de pranto que aprimora
Que enche o mundo de fel, desgosto e susto,
Nasce do excelso altar do templo augusto
Da verdade que esplende céus afóra...

Feres, rude e cruel, bates e humilhas,
Mas teus golpes produzem maravilhas
E a tua voz jamais amaldiçôa.

A ti, glória imortal! Bendita sejas,
Na adoração de todas as igrejas,
Mensageira de Deus, humilde e bôa.

Flores de Outono

ROSAS, de que minhalma já se enflora,
Adornai o meu sino de alegria!
Terminou a tormenta da agonia...
Cantai comigo a luz da eterna Aurora!

Jesus Gonçalves — o triunfo do espírito na falência da matéria

J. Herculano Pires

Estas “Flôres de Outono”, de Jesus Gonçalves, representam uma contribuição valiosa para a nossa literatura, sob vários aspectos. É indiscutível que elas possuem qualidade literária, apesar dos defeitos e das deficiências de algumas composições. Do ponto de vista puramente artístico, excluído o material psicológico que fartamente nos proporciona, é uma coletânea interessante, revelando várias fases e aspectos de uma inteligência lúcida, dotada de grande sensibilidade poética, mas prejudicada pela tremenda catástrofe da miséria e da doença, que conjugaram contra ela os seus malefícios.

Basta, para se ter uma pálida idéia do que foi a vida de Jesus Gonçalves, numa luta permanente e desesperada com a adversidade, a leitura deste último terceto do seu impressionante soneto “Uma Vida”, que figura no início deste livro:

“Da palhoça, passei para os salões,
onde nasceram novas ilusões
que vieram sucumbir num leprosário...”

Em três versos apenas, temos a síntese dolorosa de toda a sua existência. E por ela podemos compreender a extensão em que devemos perdoar as vacilações do poeta, em certos metros, e a fraqueza da sua inspiração, em outros. Porque há, na verdade, metros falhos, e momentos em que o poeta parece abandonado pelas divinas Musas. Quem poderá saber, porém, o que se estava gestando na profundidade da sua alma e do seu corpo, por traz dessa aparente debilidade, nos instantes de eclipse do seu estro? Ou quem poderá medir o calor dos entrecosques íntimos, dos indizíveis abalos morais, criadores de momentâneas e dolorosas inibições, que lhe turbilhonavam no espírito?

Jesus Gonçalves, como todos os brasileiros pobres que se arriscaram a nascer dotados de inteligência e sensibilidade, teve de enfrentar, desde cedo, o problema do seu natural desajustamento, num ambiente contrário às manifestações da inteligência e do espírito. A vida de uma criatura refinada como ele nos meios humildes da nossa terra, é sempre uma caminhada de sacrifícios. O atrito permanente dos anseios de cultura e elevação espiritual, com o chamado "espírito-prático" da nossa gente, agravado este, nos ambientes humildes, pelo aguilhão cruciante da necessidade, é alguma coisa de dantesco. A incompreensão, a falta de recursos em todos os sentidos, o tempo malbaratado em atividades grosseiras, a carência de meios de instrução, a posição subalterna dos valores do espírito e a predominância absoluta dos interesses materiais, são os terríveis torniquetes em que se encontra o desventurado portador de inteligência e sensibilidade, em meio da pobreza e incultura do nosso povo.

Rodrigues de Abreu, que por uma coincidência curiosa, viveu também na cidade de Baurú, chegou mais cedo ao sacrifício da tuberculose, mas nasceu e cresceu em condições muito mais favoráveis. Jesus Gonçalves passou a infância e a adolescência arcando ao peso de serviços rudes, como os de ajudante de pedreiro e trabalhador da roça. Aos vinte anos, quando contraiu as primeiras núpcias, havia conseguido uma posição melhor, ocupando, como por verdadeiro milagre, o cargo de tesoureiro da Prefeitura Municipal de Baurú. Mas trazia as mãos calejadas e o espírito precocemente cansado. Seu primeiro casamento foi com uma viuva, que possuía duas filhas. Com vinte anos apenas, mal-venhada a batalha áspera dos períodos de avassalante pobreza, o nosso poeta já se transformava em chefe de família! Do matrimônio, vieram-lhe quatro filhos. Ei-lo, pois, com a responsabilidade de sustento da mulher e seis crianças! Avaliemos mentalmente o que isso significa, e compreenderemos de leve a vitória que representam, na vida sacrificada de Jesus Gonçalves, estas "Flôres de Outono"...

Mas não é só. A mulher é atacada pela tuberculose, três anos após o nascimento do último filho. O poeta não conta nessa ocasião, mais de 36 ou 37 anos. É um homem que não pôde estudar, na infância, na adolescência e na mocidade, premido pelas tremendas necessidades de uma vida pobre, e que se vê a braços, na idade madura, com um lar desmantelado pela terrível moléstia.

Em 1930, Jesus Gonçalves, tomado de lepra, abandona o cargo de tesoureiro da Prefeitura de Baurú e o de redator do "Correio da Noroeste", dificilmente conquistados pela força exclusiva da sua inteligência, sem sequer o auxílio da cultura,

que não pudera adquirir. Trinta e dois anos de idade, a via-crucis de uma vida de trabalho, miséria, sacrifícios, e o término da jornada mundana com a crucificação no calvário implacável da lepra!

Mas nada conseguiu vencê-lo. Eu o conheci, no Asilo Colônia Pirapitingui, nos seus últimos tempos. Era um pequeno farrapo humano, completamente deformado, de nariz e dedos comidos pela lepra. Nos olhos, um cansaço e uma desilusão indescritíveis. Não obstante, era o presidente-fundador do Centro Espírita Santo Agostinho; o organizador e dirigente da cozinha para os doentes sem recursos; colaborador assíduo de publicações espíritas de S. Paulo; dirigiu-nos, no Centro, uma saudação eloquente, cheia de entusiasmo e de fé; e guardava consigo os originais destas "Flôres de Outono"... Admirável triunfo do espírito, sobre a falência da matéria! Sublime vitória da inteligência, sobre a precariedade do corpo, sobre as deficiências culturais, a miséria e a desgraça de uma vida humilhada!

Precisamos pensar em todas essas coisas, para podermos compreender o lugar que compete a Jesus Gonçalves na Poesia Brasileira. Trabalhos como "Tédio", "João Ninguém", "Teus quinze anos", "Adão e Eva", "A Grande Fábrica" e a "Grande Enferma", asseguram-lhe um lugar definitivo entre os nossos poetas. E além dessas produções, em que a sua arte e o seu estro fulguram de maneira marcante, há o conjunto profundamente humano do livro, onde os defeitos de forma e de linguagem desaparecem, deixando-nos apenas a confissão de uma vida frustrada em todas as suas aspirações, e não obstante vitoriosa, cantando aos céus sobre as próprias ruínas, numa repetição mo-

derna, — sem a recompensa terrena, — da tragédia bíblica de Job. "Flôres de Outono" não deve e não pode ficar circunscrito ao terreno da nossa literatura espírita. É um livro que tem o seu lugar no quadro geral da literatura brasileira, e merece mais do que a atenção da crítica literária sómente.

Do ponto de vista psicológico e religioso, este livro de Jesus Gonçalves oferece farto material para estudo e vale por um lúcido testemunho. Vemos, por exemplo, na primeira parte, a fase mundana do poeta, que não chamarei propriamente de cética, em virtude das tendências místicas que já deixa entrever, e da atitude de resignação que a reveste. Há, nos versos desse período, momentos de profunda amargura. Nunca, porém, nos defrontamos com a revolta. A menos que Jesus Gonçalves tenha suprimido alguns poemas de indignação, — o que não parece provável, em face do conjunto da obra, que nos dá uma visão geral do seu temperamento, — vê-se que ele não foi jamais um rebelado, mesmo quando ferido nos seus mais profundos anseios. Sua amargura, embora de uma densidade por vezes Wagneriana, é sempre submissa, um cantochão arrastado nas solidões do martírio, clamando entre as pedras em que se rasga, como um rio nas planícies áridas, sem espumar contra os céus. Ele sofre, geme, chora, desespera-se às vezes, mas ainda percebe a beleza da noite, dos pássaros, das flôres. Não se chega a compreender como pode ele enfrentar, dessa maneira, toda a desgraça que o esmaga. Falta-lhe uma base. Ei-lo, no entanto, sem cair, equilibrando-se na boca dos abismo! Lembra a frágil e meiga velhinha de Guerra Junqueiro, n' "Os Simples", atravessando

serena o infinito dos espaços siderais, por cima dos abismo da noite, por entre as constelações.

Alguma coisa, porém, deve sustê-lo. Se em nada êle crê, se nada mais espera, — por que vive e por que sofre?

Em 1940, aos 42 anos de idade, escreve o soneto "Falta", e clama:

**"Mas se esta vida é um sonho, a morte o nada,
o amor um pesadelo, a fé, receio,
por que manter-se em luta desvarrada?"**

**No entanto eu sigo... acovardado, triste...
a procurar, em tudo o que não creio,
a coisa que me falta, e não existe!"**

Essa coisa, entretanto, existia. Essa coisa o mantinha e impulsionava, através de todas as adversidades. E essa coisa ele finalmente encontrou nas revelações do Espiritismo, doutrina que, pondo em bases racionais o problema doloroso da vida, era a única que podia falar ao seu coração desamparado e descrente, à sua inteligência perquiridora e lúcida.

"Novos Rumos" surgem na sua vida. Ele é, desde então, "o homem que acordou do torpor da morte". Corre o ano de 1943, e àquele soneto, "Falta", de 1940, ele responde com outro, cujos tercetos exprimem a sua convicção final:

**"Pois nem a vida é sonho e a morte o nada.
O amor é luz; a Fé, o santo meio
de tornar esta luta compensada!"**

**Por isso eu sigo, nos caminhos meus,
a procurar em tudo quanto creio,
a coisa que faltava e... que era Deus!"**

Deus, não o que castiga, mas o que se alegra com a conversão do pecador e procura favorece-la através das oportunidades da reencarnação, esse Deus espírita que é um verdadeiro pai de todas as criaturas, e Jesus Cristo, o revelador da vida imortal, são os dois polos entre os quais se centraliza, dali por diante, a vida, a obra e a arte de Jesus Gonçalves. Ele se transforma no Santo do Pirapitingui. Funda um centro e a cozinha dos enfermos pobres, canta em versos sonoros a grandeza da imortalidade e os princípios da Doutrina, entrega-se de corpo e alma às pregações evangélicas, distribui consolações às almas avassaladas daquela colônia de dores. É um dispensador de conforto, procurado por todos os que se desesperaram. E nos dá, como em "A Grande Enferma", poesias das mais expressivas de toda a literatura espírita.

Não analisarei aqui o mérito e a beleza das mensagens mediúnicas de Jesus Gonçalves, recebidas pelo grande médiun de Pedro Leopoldo, Francisco Cândido Xavier. Elas falam por si mesmas, a crentes e descrentes. Mas direi apenas que o Espiritismo, se nenhuma conversão real tivesse até hoje produzido, nenhum benefício tivesse ainda prestado à humanidade, só com esta maravilhosa transformação de um poeta leproso, no recanto de dor de um asilo-colônia paulista, far-se-ia digno da admiração e respeito de todas as consciências capazes de compreender as angústias humanas.

Biografia de Jesus Gonçalves

(Trabalho de um seu companheiro de Pirapitingui)

Antes de começar a biografia, propriamente dita, de Jesus Gonçalves, quero deixar bem claro que estes relatos são um quadro muito apagado dessa existência cheia de árduos trabalhos e muitas lutas. Não é possível, em tão curto prazo (alguns dias) e com o desconhecimento que tenho, trazer esmiuçadamente, aos olhos de quem ler estas linhas, as tribulações de uma vida que só encontrou fêl e dissabores na sua caminhada, exgotando o calix da dôr, até os últimos momentos, para redenção do seu espírito.

AUGUSTO

Tão humilde como a sua própria pessoa, se nos afigura a biografia de Jesus Gonçalves. Pouco, ou quasi nada de felicidade encontraremos durante o transcorrer da sua existência agitada, cujos melhores passos sempre foram dados com a finalidade de prestar algum serviço em prol dos seus semelhantes.

Nasceu a 12 de Julho de 1902, na cidade de Boribí. Na sua mocidade, não teve a felicidade que tem a maioria dos moços dos nossos dias, que estudam nas escolas superiores com alguma facilidade, preparando-se para as lutas que em nosso ca-

minho surgem. Não! Ele, cujos pais eram pobres, não podendo custear-lhe os estudos mais elementares, teve de lutar para o seu próprio sustento e para a manutenção dos seus entes queridos, advindo desse fato a escassez do tempo de que necessitava para o estudos nos livros. No entanto, tendo criado na sua imaginação o desejo ardente de se tornar útil á própria vida e aos seus semelhantes, Jesus Gonçalves jamais deixou em branco um minuto de lazer. Em todos os instantes de repouso, mergulhava-se na leitura de livros instrutivos e educacionais, num esforço que não se perdeu em vão. Sim, porque graças aos seus próprios esforços, galgou um gráu de intellectualidade apreciável, o que lhe facultou cumprir, em parte, os seus planos já traçados na adolescência.

Jesus Gonçalves foi um batalhador do serviço pesado, desde tenra idade. Assim, que dos 10 aos 17 anos vamos encontrá-lo no exercício de funções as mais rudes, tais como ajudante de pedreiro, ajudante de carpinteiro, operário rural e outros tantos gêneros de serviço que não nos ocorrem no momento. Posteriormente, transferiu-se para a Prefeitura Municipal de Baurú, onde exerceu as funções de tesoureiro, cargo êsse que exerceu por largo tempo. Nessa época, aos vinte anos, mais ou menos, casou-se, em primeiras núpcias, com d. Teodomira, sendo ela viuva e tendo já duas filhas. Advieram desses matrimônio quatro filhos, sendo êles: Jaime, Jandira, Helena e Carlos. A luta que enfrentou, para sustento da sua família, foi grande, mas, vivendo como pobre, sua casa era farta e os seus filhinhos andavam, sempre, decentemente trajados e muito bem limpos. Poucos anos depois, veio a falecer a sua espôsa, minada pela tuberculose, dei-

xando o filho menor com a idade de 3 anos. Desnecessário é dizer que o homem, sem a sua companhia e com filhos pequenos, leva uma vida amargurada, porque, depois do conforto, vê o desleixo em seu lar e os seus rebentos a choramingarem por falta de quem os cuide. Arranjou diversas empregadas para o arranjo do seu lar, pois não era possível dar conta das suas obrigações no serviço e fazer ainda os trabalhos caseiros; mas o seu filho mais velho — Jaime — de 6 a 7 anos calculadamente, incumbia-se, sem que o pai o soubesse, de despachar todas as empregadas, quando estas chegavam tarde, dizendo-lhes: "O papai mandou dizer que a senhora está despachada". Como o menino nada dizia a êle, via-se abarbado e logo procurava outra. E, assim, até que uma vizinha, condoendo-se do seu sofrimento, começou a tratar do seu lar e da sua prole. Tempos depois, pela dedicação que ela demonstrava, mais por conveniência do que propriamente por amor, veio a conviver maritalmente com Anita — assim se chamava ela — pelo espaço de 12 anos.

Desempenhou as funções de tesoureiro da Câmara de Baurú, até 1930, e só abandonou êsse cargo ao saber-se portador do mal de Hansen, passando, dessa data em diante, a residir numa casa da Câmara, pode-se dizer quase por caridade, pois foi exonerado do serviço, tendo por unica mácula, gravada no seu corpo perezível, o ferrete de uma moléstia da qual não tinha culpa. Posteriormente, amigos seus deram-lhe um sitiozinho, onde residiu até á sua internação, tendo épocas, nesse tempo, em que a miséria rondou o seu lar. E, porque não dizê-lo, muitas vezes não havia em sua casa o estritamente necessário para o sustento da prole.

Sempre foi muito dedicado ao jornalismo, tanto assim que fazia parte do corpo redatorial de um conceituado jornal da cidade de Baurú. A sua inclinação pelo teatro sempre foi, também, muito acentuada. Assim sendo, além de dirigir grupos teatrais, trabalhar como amador, Jesus Gonçalves foi, ainda, escritor teatral, produzindo trabalhos de boa monta.

Em 1931, calcula-se, foi intimado a internar-se no Asilo Colônia Aimorés, em cujo Hospital permaneceu até o ano de 1937, quando foi transferido para Pirapitinguí, onde encontrou a morte em data de 16 de fevereiro de 1947. Também no Asilo Colônia Aimorés deixou traços marcantes da sua personalidade, sempre desprendida. Não se habituando de modo algum com o "dolce far niente" a que se dedicam muitos dos doentes recolhidos aos hospitais de lepra do Estado, uns por impossibilidade total de exercerem qualquer atividade, outros pela estabilidade da sua situação financeira, Jesus Gonçalves movimentou-se desde logo, emprestando a sua despretenciosa colaboração às autoridades daquele Sanatório. "O MOMENTO", primeiro jornal editado nos hospitais, foi o fruto de uma sua idéia, que venceu integralmente. Depois, naquele mesmo hospital, lançou a semente do teatro, levando avante, também, essa empresa. Até 1937 não houve outras ocorrências dignas de menção, mas é bom frisar que Jesus Gonçalves teve, quase sempre, que enfrentar a inveja e o ódio dos que não compreendiam a elevação dos seus empreendimentos.

Por motivo de saúde, no ano de 1937 (em junho) foi transferido para o Asilo Colônia Pirapitinguí, onde, contando sempre com amigos valerosos, organizou uma agremiação teatral que logrou

muitos sucessos. Foi um dos fundadores do "O JORNAL", editado neste Asilo, e tomou parte ativa nas iniciativas que deram a Pirapitinguí uma emissora de rádio. Não será preciso dizer que êle jamais esmoreceu. Embora o seu estado geral de saúde não fosse dos melhores, sempre esteve em colaboração estreita com as autoridades dos hospitais onde se encontrava.

Esse padrão de vida, Jesus Gonçalves levou-o até o ano de 1943, surgindo, daí, a transformação que será narrada daqui por diante.

É digno de menção o fato de que Anita, — a mulher com quem Jesus Gonçalves conviveu maritalmente, — acompanhou-o, mesmo com saúde completa, aos hospitais onde êle esteve, tratando-o com verdadeira abnegação.

AGORA, JESUS GONÇALVES ESPÍRITA, CONVERTIDO, INTEIRAMENTE AO CRISTO

Aos três dias de março do ano de 1943, faleceu a segunda companheira de Jesus Gonçalves, e a moléstia que a levou ao túmulo foi o câncer uterino. Até esta época, Jesus Gonçalves era completamente materialista, embora os seus atos fossem nobres e o seu caráter de uma retidão férrea e incomparável. Na sua intransigência, de não acreditar na existência de Deus, fazia com que todos — familiares e amigos — sofressem a sua incompreensão, pois todos os que o rodeavam tornavam-se materialistas, pelas afirmativas da sua verbosidade concludente.

Agora, o imprevisto! Na noite posterior ao dia do falecimento de Anita, quando guardavam o seu corpo, a nora de Jesus Gonçalves, casada há poucos

dias com Jaime Gonçalves, começou a dizer que estava vendo o corpo astral da falecida, e tomada de terror começou a gritar, pois nem de leve conhecia os princípios da mediunidade. Havendo na casa um médium de incorporação, que fora empregado desse nosso irmão, disse que se tratava de "doença espiritual" da moça — a nora — e Jesus Gonçalves, em tom de reprimenda, retrucou: "Eu não gosto de patacuadas comigo, deixe de bobagem", mandando chamar um enfermeiro para tratar da sua nora, a qual ele pensava que tivesse tido uma vertigem. Insistindo, o médium fez uma prece e pediu aos seus Guias espirituais que fluíssem um pouco d'água, jogando-a, em seguida, nas costas da moça, que estava gritando, e esta parou imediatamente, também com a imposição das mãos do médium. Este último fato — a imposição das mãos — despertou grande interesse em Jesus Gonçalves, pois dois homens fortes não puderam, fazendo muita força, segurar até aquele momento a moça franzina e de compleições delicadas.

Dáí ha poucos momentos a sua nora ficou em estado de transe, e pessoas espíritas, ali presentes, resolveram levá-la para uma casa da frente, onde, devido a insistência do espírito, formaram uma corrente, para ver o que havia de verdade nesse rumoroso acontecimento. Tomando o médium, Anita mostrou desejo de conversar com o "seu velho" — como o chamava — vindo Jesus Gonçalves atender esse pedido, ainda um tanto receioso que aquilo não passasse de uma farsa. As palavras que ouviu da sua companheira foram as seguintes: "Velho, eu vim aqui. Deus permitiu que eu viesse te dizer que Deus existe. Não duvides mais." Dáí saíu bastante impressionado, pois reconheceu de

fáto os modos da sua companheira, mas o que o impressionava mais ainda era o fáto da imposição das mãos do médium. Lógo depois do enterro, no outro dia, amigos seus ofereceram-lhe um livro — "O Céu e o Inferno", de Allan Kardec" — e ele, com verdadeira sofreguidão, virava página após página, para ter conhecimento do que estava adiante. O segundo livro que leu foi "O Livro dos Espíritos", do mesmo autor. E, daí, os alicerces da edificação materialista começaram a derruir. Não mais parou de ler obras espíritas. Kardec, Leon Denis, Flammarion, Bozzano e quase todos os autores espíritas foram os seus amigos íntimos, através da leitura. Nesta época, a edificação materialista já tinha deruido fragorosamente, porque o amor aos Evangelhos do Cristo era acentuadíssimo no coração de Jesus Gonçalves, que já chorara muitas vezes, por ter desprezado tanto tempo essa Fonte da Vida. Alguns tempos depois, Jesus Gonçalves teve uma visão maravilhosa. O Cristo de Deus, em Espírito e Verdade, estava ao seu lado, em fulgurações deslumbrantes, como a dizer: "Prossegue, filho, nessa caminhada gloriosa que acabas de encetar". Isto foi durante a noite, e Jesus Gonçalves fechou os olhos, pôs as mãos no rosto, pois pensava estar tomado de alucinação, mas a figura do Cristo persistia, e isso foi durante alguns minutos. Dáí em diante, entregou-se completamente aos Evangelhos, tornando-se mais tarde um distribuidor da Água Viva, com o seu verbo inflamado, cheio de ternura e inspiração.

Lógo em abril de 43 começou a luta desse nosso irmão em prol do Espiritismo, quando se dirigiu ao senhor Diretor do Asilo, em ofício acompanhado dos primeiros estatutos para a formação de uma

sociedade espírita. Esses estatutos foram o produto de muitas lutas da Comissão que foi organizada para tal fim, e também para dar vida a essa idéia que surgia exuberante, prometendo dar frutos de sabor incomparável. Nem sempre o homem tem força suficiente para suportar os embates da vida, ainda mais quando se vê tolhido nos seus mais caros anseios. Assim, os companheiros de Jesus Gonçalves, um a um, foram abandonando esse ideal que se impunham em contrario, e Jesus Gonçalves começou a lutar sozinho. Mas não esmereceu, porque — já o disse — o seu caráter era férreo e a sua certeza nas verdades que o Espiritismo apresenta, inabalável. Começou a dar aulas evangélicas num quarto quasi que acanhado, onde se reuniam umas duas dezenas de pessoas, depois de esforços ingentes para conseguir esse “desideratum” com as autoridades locais, pois, como se sabe, o Espiritismo sempre foi apontado como forjador de loucos e, numa arrancada esplendorosa, Jesus Gonçalves entranhava-se, cada vez mais, nessa divina loucura, trazendo as ovelhas transviadas para o Redil do Cristo. Foi por essa época que se começou a cogitar de construir um cenáculo para as reuniões dos adeptos. Mas como, se os próprios estatutos ainda não tinham sido aprovados, e com muito pouca probabilidade de o serem? Como se desse o caso de começar a aumentar os adeptos da Terceira Revelação neste recanto esquecido do mundo, conseguiu, ainda com as autoridades, dar aulas evangélicas no predio do cassino, procurando, Jesus Gonçalves, com o seu acentuado espírito de organização, trazer os confrades de fóra a fazer pregações aos que aqui estavam. Escreveu muitas cartas nesse sentido, e, logo em breve, começavam a aparecer os pri-

meiros oradores vindos de fóra. Neste tempo casou-se em segunda nupcias com d. Izabel Laureano, mais conhecida por Ninita, sendo ela cega já há seis meses, embora não lhe falem as vistas espirituais, pois é dotada de bem desenvolvida mediunidade vidente, além de algumas outras. Viamos, pois, aos domingos, esse abnegado apóstolo do Cristo, sobraçando os Seus Evangelhos de um lado e do outro dando o braço a sua esposa, em demanda ao cassino, para a já costumeira prégação evangélica, ou, então, para esperar os irmãos que vinham das cidades vizinhas. Embora muitos não acreditem, Ninita e Jesus Gonçalves são espíritos afins, porque, desde milênios, conforme lhes foi revelado, vêm trilhando o caminho da evolução, sempre juntos e inseparáveis. Ambos tiveram muitas visões, em sonho, da sua ligação futura, e quando se encontraram corporalmente, o choque foi tremendo para os dois, porque mesmo sem se verem já se conheciam.

Um ano passado, depois de muitas cartas e ofícios, com riscos de sofrer severas punições, o nosso biografado resolveu fazer um abaixo-assinado, pedindo á Direção do Hospital a aprovação dos Estatutos, o que, graças a assistência do Alto, foi solucionado com satisfação.

Com todos estes tropeços, a sua moléstia começou a avassalar o seu organismo, e chagas doloridas abriam-se por todo o seu corpo. Não tinha um momento, sequer, em que as suas fibras não fossem dilaceradas por dores pungentes, mas, mesmo assim, entre lágrimas e soluços, continuou a batalhar.

Agora começa a verdadeira luta para a construção do templo. Havia nos cofres da Sociedade,

já então organizada com a sua Diretoria, apenas a insignificante quantia de Cr.\$ 47,00 (quarenta e sete cruzeiros). Abriu-se uma bem organizada campanha por meio da Imprensa Espírita, e, também, de cartas escritas com o seu próprio punho, apelando às agremiações espíritas e aos confrades mais favorecidos pela fortuna, para angariar o necessário para essa construção. Mas, não se perdeu tempo. Mesmo sem dinheiro, deu-se início ao erguimento da Casa de Deus. Oito meses depois, sempre com dificuldades, amealhando os fundos pecuniários que os abnegados confrades de fóra traziam para esse fim — e, vamos dizer de passagem, eram muitos e quasi incontáveis esses confrades, — Jesus Gonçalves via erguido o magestoso edifício que encima o nome de: “Sociedade Espírita Santo Agostinho”, importando a sua obra em trinta mil, seiscentos e vinte e seis cruzeiros e dez centavos. Inaugurou-se essa séde aos dezesseis dias do mês de dezembro de 1945, com a presença de quasi todos os que colaboraram para o seu erguimento, estando Jesus Gonçalves no auge da alegria, satisfeito dentro do seu espírito, porque vencera valorosamente todos os obstáculos que se antepunham á execução dessa idéia magistral, em prol da Seára do Cristo.

Enquanto não tinha a sua casinha perto do Centro, construída posteriormente, vinha de longe, cheio de dores, quatro a cinco vezes por semana, prégar, exemplificando os ensinamentos do Evangelho. Muitas vezes foi carregado pelos seus irmãos, e, ultimamente, quando as suas forças físicas já não davam para cumprir esse mistério sagrado, chorava sentidamente por ficar em ociosidade forçada, dian-

te de tanto trabalho, diante da Seára Divina. E, entre dores cruciantes, ocultando o seu sofrimento para não maguar os seus entes queridos e os seus amigos sinceros, meses a fio esteve no seu leito, já prelibando as venturas espirituais, vindo a desencarnar ás 11 horas do dia 16 de Fevereiro de 1947.

Dentro da sua inteligência límpida e cheia de fulgurações, havia, também, a veia poética. Deixou muitos poemas e sonetos, repletos de encanto e sentimento. Seu desejo ardente era publicar um livro das suas inspirações, mas as suas posses eram poucas e dificilmente seria executado esse desejo. Entretanto, um amigo seu, muito dedicado e gentil, ofereceu-se para custear as despesas dessa publicação, e assim é que está hoje no prelo “FLORES DE OUTONO”, contendo duas partes — a vida material e a vida espiritual de Jesus Gonçalves. Ele, encarnado, não viu a sua obra concluída, mas, do espaço infinito verá, muito contente, o sucesso retumbante das suas produções. Nos últimos dias da sua vida terrena, mais inspirado ainda, escreveu um poema do qual damos aqui a última quadri-
nha:

**Oh! rosas, rosas de amores,
senhoras dos versos meus,
no fundo tudo são flôres,
a caminhar para Deus.**

Assim findou-se uma existência terrena, para recomençar outra, mais dulçorosa, no Além, a serviço da Seára do Cristo Senhor!

INDICE

	Pág.		Pág.
À guisa de prefácio	3	Eu	45
Aos meus filhos	5	Anita	46
Ao leitor	7	Segundo coração	47
Flores de Outono	9	Préce	48
Meus versos	10	Amôr	49
Uma vida	11	As moradas do céu	50
Tédio	12	Veneno mortal	51
Confidência	13	Aspiração	52
Miséria extrema	14	Profissão de fé	53
João Ninguém	15	Receita	54
Solidão	16	O Consolador	55
Gosto da noite	17	Nunca é tarde	56
Teus quinze anos	18	Afinal	57
Solidariedade	19	Convite	58
Recordar	20	A Samaritana	60
Piedade	21	O Evangelho	64
Ozório	22	A grande fábrica	66
Eterno carnaval	23	A grande enferma	67
O cego	24	ÚLTIMOS VERSOS	69
O médico	25	Rosas	71
Felicidade	26	Os vendilhões	73
Adão e Eva	27	Um anjo	74
Poeta	28	A voz do Mestre	75
Ninita	29	MEDIÚNICAS	77
V	30	Rendendo graças	79
Cruz de estrelas	31	Aos companheiros de Pira-	
As violetas	32	pitingui	80
A cruz de ferro	33	Liberto, enfim...	81
Mulher	34	Palavras do companheiro	82
Judas	35	Gratidão a Jesus	84
Chorando	36	Hosanas	85
Esquece	37	Flores de Outono	86
Janeiro	38	Jesus Gonçalves, o triunfo	
Falta (1940)	39	do espírito na falência	87
NOVOS RUMOS	41	da matéria	
Falta (1943)	43	Biografia de Jesus Gon-	
Novo rumo	44	çalves	95

◇ Este livro foi composto e
impresso na Gráfica "A Cente-
lha", à rua Brigadeiro Galvão,
540, São Paulo, em 1948.

CARTAS DE
UMA MORTA
De Francisco
Candido Xavier

★

CANÇÃO DA
IMORTALIDADE
FRAUTA DO ALÉM
De R. Tagore
Psicografados por
Pedro Machado

★

De Pietro Ubaldi
MENSAGENS
e
GRANDE SÍNTESE

★

ABADIA DOS
BENEDITINOS
Conde de Rochester
M. Quintão

●

ATENDEMOS PELO
REEMBOLSO
Descontos especiais aos
Livreiros e Centros
Espíritas

●

ENVIAMOS GRACIO-
SAMENTE O NOSSO
CATÁLOGO

LIVRARIA
ALLAN KARDEC
EDITORA
Rua Riachuelo, 108
SÃO PAULO

LIBRERIA
MILAN MARZEC
EDITOR

ENCUADERNADO
LIBROS DE PIEL

